

## **O TERREIRO DE CANDOMBLÉ DE PAI LEOPOLDO (REPRESENTAÇÕES E SIMBOLISMO: 1963 – 2006)**

Luis Carlos Borges da Silva \*

### **INTRODUÇÃO**

Escrever acerca do Candomblé é sempre algo fascinante, pois é uma temática que se sustenta nas raízes da história do povo negro no Brasil. História que surge no século XIX, especificamente na Bahia, cenário extremamente favorável para a construção desse imaginário, pois foi na Bahia a maior concentração de negros oriundos da África condicionados ao trabalho escravo, sendo Salvador e o Recôncavo os espaços do território baiano, onde essa manifestação religiosa ganhou maior expressão, permitindo a construção de símbolos e representações que até hoje emocionam as pessoas que visualizam no Candomblé uma vertente religiosa com características próprias e que contribuiu para que os negros forjassem sua liberdade e resistissem à opressão imposta pelos brancos.

Nessa perspectiva de compreender o Candomblé como uma religião de matriz africana, foi realizada uma pesquisa acerca da importância histórica do Terreiro de “Pai Leopoldo”, localizado na cidade de Governador Mangabeira, fundado em 1963, através do seu líder o senhor Leopoldo Silvério da Rocha, que faleceu em 2006, deixando como sucessor seu filho primogênito Leomar Silvério da Rocha. O terreiro recebe uma denominação religiosa de: Yiê Oyó Mecê Alaketu Axé Ogum é bastante frequentado pelas pessoas simpatizantes do Candomblé, principalmente durante suas festas, em especial a de Ogum no mês de janeiro.

Do ponto de vista social o terreiro possuiu e possui um papel fundamental para a comunidade em que o mesmo está localizado, o bairro do Portão, pois muitos moradores constantemente procuravam o senhor Leopoldo para conseguir ajuda, tanto do ponto de vista material como espiritual, configurando uma relação de reciprocidade entre o espaço sagrado e a comunidade. Essa aproximação com a população propiciou a Leopoldo se eleger vereador por quatro mandatos consecutivos (1983 a 2000), porém o exercício da vereança não o fez se afastar das suas práticas religiosas, aspecto que fazia de forma eficiente, segundo alguns entrevistados.

---

\* Licenciado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, especialista em História Regional pela UNEB, professor do ensino médio do Colégio Estadual Professor Edgard Santos – Governador Mangabeira – BA, e-mail: borgeslc@hotmail.com

“Pai Leopoldo” construiu sua função de Babalorixá a partir dos ensinamentos adquiridos na casa de “Pai Nezinho”, terreiro que se localiza, também no bairro do Portão. Com o passar do tempo, Leopoldo ganhou notoriedade no seu exercício como Babalorixá, ao passo de ser constantemente requisitado para entrevistas em emissoras de televisão e para a gravação de documentários, a exemplo de um realizado pela Fundação Palmares com o título – O Axé do Carajé, gravado em 2006 antes de sua morte. Também viajou por várias cidades do Brasil levando seus ensinamentos a outras pessoas.

No que se refere à opção teórica, o texto se fundamenta na perspectiva da relação história e cultura, discussão de grande relevância na academia brasileira atualmente, tendo seu foco para temas voltados aos costumes, tradições, saberes, simbolismo, representações, imaginário popular e identidades, sendo um dos seus percussores no Brasil o historiador Ronaldo Vainfas. Também existe uma vinculação com os aspectos da identidade cultural forjada no espaço a ser pesquisado, não as velhas identidades mencionadas no paradigma moderno, mas aquelas mais próximas do que se chama na atualidade de identidades pós-moderna, bem discutida pelo historiador Stuart Hall.

Associada a essa argumentação das identidades, aparecem às contribuições de diversos historiadores e antropólogos que escreveram acerca do fenômeno histórico do Candomblé, em especial no sentido de compreendê-lo nas suas diversas características culturais, bem como, um instrumento de resistência dos negros a escravidão. Busquei dialogar dentre outros autores com Júlio Braga, Roger Bastide, Luis Nicolau, Edmar Ferreira, Gabriela Sampaio, Cacau Nascimento e outros. Para além desses nomes, serão fundamentais as contribuições de outras correntes historiográficas, a exemplo da História Regional e Local, que facilitará à compreensão dos elementos históricos que formaram a região do Recôncavo Baiano, a nova História Política, no sentido de explicar o poder simbólico ao qual senhor Leopoldo estava inserido e a História Social, para entender as características históricas dos atores sociais que formavam o Terreiro de Candomblé de “Pai Leopoldo”.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi sustentada na prática das entrevistas, pois através das mesmas foi possível perceber como a memória de algumas pessoas concebe o valor histórico e cultural do Terreiro de “Pai Leopoldo”, bem como, as práticas cotidianas exercidas pelo seu líder espiritual. Além do instrumento metodológico das entrevistas, também foram fundamentais o uso de outras fontes, a exemplo do livro de ata da Câmara de Vereadores de Governador Mangabeira, onde Leopoldo foi vereador, jornais, documentários, fotografias e até arquivos pessoais das pessoas mais próximas ao senhor Leopoldo.

## ORIGEM DO CANDOMBLÉ NA BAHIA

O Candomblé é uma religião de matriz africana, tendo suas origens durante a colonização do Brasil com os africanos escravizados pelos portugueses em nosso território. O termo Candomblé é originário da língua bantu Kandobile, que significa lugar de culto e oração. Foi na Bahia, que essa religião ganhou maior significado, tornando-se uma das formas de representação das características culturais afrobrasileira, bem como, um valioso instrumento de resistência dos negros contra o domínio e a exploração dos brancos.

O Candomblé, especificamente na Bahia, é uma religião “professada e praticada por três nações: ketu/nagô (iorubá); angola/congo (bantu) e jeje (fon/ewê), além do Candomblé de caboclo, considerado o Candomblé de origem brasileira, por cultuar divindades indígenas”. (AMARAL, 2009, p. 40). Essa diversidade étnica na formação do Candomblé na Bahia foi assim definida pelo historiador João José Reis:

*A história do candomblé na Bahia do século XIX é, portanto, a história de sua mistura étnica, racial e, logo, social. Um processo que ocorreu em diversas frentes: a reunião de africanos de diferentes origens etnias para, juntos, celebrarem seus diferentes deuses, a atração dos descendentes de africanos nascidos na Bahia e a difusão de todo tipo de serviço espiritual entre clientes de diversas origens étnicas, raciais e sociais. (REIS, 2000: p. 49)*

Essas nações, cada uma delas possui características específicas na forma de praticar o Candomblé, mas entre elas existe algo em comum, ou seja, ambas têm na natureza a base para os seus cultos, fundamentados em elementos da terra, fogo, água e ar, em especial os seus Orixás que possuem relações diretas com esses elementos naturais. A cerca de como distinguir uma nação da outra, o sociólogo e antropólogo francês Roger Bastide, escreveu:

*É possível distinguir essas nações umas das outras pela maneira de tocar o tambor (seja com a mão, seja com a vara), pela música, pelo idioma dos cânticos, pelas vestes litúrgicas, algumas vezes pelos nomes das divindades, e enfim por certos traços do ritual. Todavia, a influência dos iorubas domina sem contestação o conjunto das seitas africanas, impondo seus deuses, a estrutura de suas cerimônias a sua metafísica aos daomeanos, aos bantos (BASTIDE, 2001: p. 29)*

No caso específico do Terreiro de Pai Leopoldo, existe uma vinculação com a nação ketu, devido à relação que o mesmo possuía com o Terreiro de Mãe Menininha do Gantois em Salvador. O ketu é um tipo de Candomblé mais tradicional. As primeiras casas de Candomblé ketu, surgiram em Salvador durante o século XIX, depois se espalharam pelo Recôncavo, sobretudo na cidade de Cachoeira.

Por volta de 1807 foi fundado em Salvador o primeiro Terreiro de Candomblé de origem ketu na Bahia – O Terreiro da Casa Branca, no bairro da Barroquinha. A partir de então, outros terreiros foram surgindo e o culto ao Candomblé atravessou épocas e resistiu a todo tipo de opressão contra ele estabelecido, em especial aquela imposta pelos governantes, alegando que essa prática religiosa era algo anticivilizado e não combinava com os princípios da ordem social estabelecida pela elite dominante. No tocante a essa questão o antropólogo Julio Braga assinalou:

*Na Bahia essas práticas religiosas tradicionais foram rejeitadas sob a alegação de que se tratava de práticas de feitiçaria. Por isso, deveriam ser afastadas de um meio social que se pretendia oriundo e portador de uma civilização ocidental. Ainda neste século, essa justificativa bastava para que se praticasse todo tipo de violência contra núcleos religiosos afro-baianos que surgiram por toda a cidade de Salvador. (BRAGA, 1995: pp. 25-26)*

Evidentemente que as perseguições tinham um significado ideológico voltado para a negação do valor histórico e cultural do Candomblé, sobretudo como manifestação oriunda do povo afrobrasileiro, porém é notável, que mesmo com as intolerâncias impostas pelos brancos, os terreiros resistiram, usando mecanismos diversos para continuarem praticando a crença nos seus Orixás, em especial no Recôncavo baiano, onde a repressão não conseguiu evitar o crescimento desses terreiros, um forte exemplo disso foi à criação do Terreiro do Pai Leopoldo em 1963, no município de Governador Mangabeira.

## **O TERREIRO DE CANDOMBLÉ DE PAI LEOPOLDO**

O Terreiro de Pai Leopoldo foi criado em 21 de abril 1963, onde hoje se formou o bairro do Portão, município de Governador Mangabeira. A formação está vinculada ao terreiro do senhor Nezinho, descendente de Mãe Menininha, casa que na atualidade é comandada pela sua filha a Babalorixá, Mãe Cacho, também é de origem ketu. O Terreiro foi batizado pelo nome de Yiê Oyó Mecê Alaketu Axé Ogum. Essa opção pelo Orixá Ogum como o principal do Terreiro fundamenta-se no fato de que ainda jovem Leopoldo já incorporava o mencionado Orixá. Ogum é o regente do fogo e da guerra, geralmente é o protetor de todos que usam instrumentos ou ferramentas construídos desse metal, a exemplo dos caçadores, barbeiros, ferreiros, guerreiros e outros.

*Ogum é o deus do ferro e é o orixá que possui o segredo do fogo e sua capacidade de transformar os metais. Todos aqueles que trabalham com o ferro, transformando-o em armas ou objetos de trabalho, estão sob sua proteção (...) O número sete é consagrado a este orixá e ele representado por um instrumento de*

*ferro, composto por um haste onde estão dependuradas miniaturas de ferramentas que se constituem nos símbolos de suas atividades (...) Ogum representa o poder masculino que tem de mais agressivo e sua força reside no elemento preto. Suas roupas são azul escuro e seus filhos usam contas azuis ou verdes e ele dança com uma espada na mão. (SANTOS, 2000: p. 43)*

O Terreiro de Pai Leopoldo tem várias festas durante o ano, segundo o herdeiro do senhor Leopoldo, seu filho Leoma Silvério da Rochar (2010), “as principais festas são: águas de Oxalá, Orixá da paz, para que tudo ocorra bem, depois com a festa de Ebaluaê, depois Xangó, depois dar continuidade com as Iabás, ou seja, os Orixás femininos, depois com Oxossi e finaliza com o Orixá da casa, que é Ogum”.

Essas festas e outras formas de representações inseridas nos ritos do Candomblé configuram o campo do simbólico aos quais seus adeptos são condicionados, não por uma imposição, mas por uma construção histórica, símbolos que forjam identidades, alicerçadas nos significados e raio de influência de cada Orixá e no que representa a hierarquia daquele Terreiro, tornando essa manifestação religiosa com características simbólicas próprias e complexas, como elucida a professora Maria Joaquim:

*Quando analisamos o candomblé, percebemos sua complexidade como uma instituição religiosa, cultural e social, que possui um universo simbólico próprio, em que a liderança e as pessoas envolvidas estão ligadas diretamente aos Orixás, o que dá sentido às suas existências. O candomblé é apresentado como uma instituição que está inserida na sociedade brasileira e procura preservar as tradições e a identidade afro-brasileira (JOAQUIM, 2001: p. 37)*

A prática de fazer a abertura das festas com as águas de Oxalá é algo comum no Candomblé da nação ketu. Consiste em um ato de respeito. Os “Filhos de Santo”, vestidos de branco, formam uma procissão, saindo do terreiro em silêncio, carregando potes e moringas. No que se refere ao significado de Oxalá para o Candomblé, o Babalorixá Antonio Ângelo Pereira, observou:

*Oxalá é o Deus da criação, simbolizado por pedacinhos de marfim dentro de um anel de chumbo. Só se veste de branco. Seu dia é sexta feira e ele sincretizado como Senhor do Bonfim. É um dos orixás mais populares da Bahia, ele é chamado, carinhosamente de “Babá agba” (pai velho). Suas contas são brancas, e branca é a sua comida: acaçá, ebô de milho branco, cabra, pombo. Tudo sem sal nem azeite. (IN: SANTOS, 2000: p. 109)*

Para além das festas, o terreiro de Pai Leopoldo, ganhou bastante notoriedade fora do seu espaço geográfico de origem, ou seja, se tornou famoso a nível nacional e até internacional. Isso pode ser comprovado em um documentário realizado pela TV Futura,

quando os rituais existentes no terreiro serviram para explicar a reportagem exibida em outubro de 2007 acerca do tema danças brasileira, bem como, em uma produção da Fundação Palmares, intitulada o Axé do Acarajé (2009), quando o Babalorixá Leopoldo apresentou relevantes explicações acerca do significado do acarajé para o Candomblé, salientando que todas duas produções foram exibidas posteriormente a morte de Pai Leopoldo (2006). No cenário internacional, o terreiro era visitado por turistas de vários países, além de pessoas de outras nações serem iniciadas no terreiro, como foi o caso de um casal francês, mostrando assim, o prestígio de Pai Leopoldo, associado às concepções das tradições do Candomblé ketu mantidas vivas no terreiro.

Segundo uma das Filhas de Santo (Iaô) mais velha de Pai Leopoldo, senhora Neci Santos Leite (2010), “essa procura pelo terreiro, acontecia muito em função do senhor Leopoldo manter viva uma hierarquia, ele não aceitava certas mudanças, ele mantinha aquela tradição, as pessoas temiam e respeitavam a ele”. Já o sucessor de Pai Leopoldo, seu filho Leomar, aponta que essa valorização do terreiro, está vinculada ao sucesso que as pessoas alcançavam ao procurar o mesmo para resolverem algum problema espiritual:

*Diante de pessoas que frequentavam, pessoas de fora que tiveram necessidade de vir aqui por necessidade de resolver alguma coisa da sua vida, os próprios Filhos de Santo, divulgaram a casa lá fora, através disso, pessoas do Rio, São Paulo, Florianópolis visitaram a casa, até um casal de franceses se iniciou aqui na casa, essas pessoas tiravam fotos, faziam uma filmagem e aí passavam para outras, chegando ao ponto da TV Futura fazer uma filmagem aqui, mostrando a importância dos Orixás, das danças. (ROCHA, Leomar Silvério da, 2010)*

Por esse ângulo, nota-se o prestígio do Terreiro de Pai Leopoldo, associando aos elementos da tradição do Candomblé com as características de curas que são desenvolvidas na casa, elementos que ainda hoje continuam vivos, mesmo depois da morte do seu fundador, e não deixando de levar em consideração que seu sucessor é um jovem, e ainda assim, as pessoas continuam frequentando o terreiro, tanto para resolver problemas pessoais, como para se tornar um membro daquela Casa, evidenciando como o Candomblé atravessa gerações e resiste às possíveis transformações do mundo contemporâneo, pois:

*A religião faz parte do cotidiano das pessoas, ou seja, estabelece o modo delas se relacionarem com os deuses e prevê consequências dessas relações em suas vidas. Ao entrar no candomblé a pessoa dá um sim ao Orixá, e através do processo iniciático torna-se um membro desta instituição. Entrar no candomblé significa que a pessoa foi escolhida pelo Orixá, que norteará o seu destino (odun), e sua vida passará a ter um novo significado (JOAQUIM, 2001: p. 99)*

Outro aspecto a ser analisado no terreiro de Pai Leopoldo é o papel social atribuído ao mesmo. Vale lembrar que a casa está localizada em um bairro chamado Portão, formado por pessoas humildes, geralmente oriundas de famílias carentes, indivíduos que constantemente procuravam e procuram o terreiro para conseguir algo, tanto do ponto de vista espiritual, como material e até mesmo cultural, a exemplo das festas, quando o terreiro é bastante visitado, demonstrando que esses ambientes, além de espaços religiosos, também podem ser concebidos como ambientes sociais construídos historicamente, permitindo as pessoas desenvolverem convivências diversas, com simbologias e representações múltiplas.

*Na verdade, com o candomblé se construía uma sólida estrutura de sustentação sociocultural que não se limitou simplesmente a apoiar o sistema de crenças que lhe é característico, e ali fora engendrado como peça essencial de uma engrenagem sagrada de grande complexidade formal e simbólica. O candomblé é, pelas suas características básicas, uma comunidade de natureza alternativa que permite aos seus membros um estilo de vida bastante diferenciado do que se tem na sociedade mais ampla. (BRAGA, 1995: p. 20)*

Evidentemente que o significado histórico alcançado pelo Terreiro de Pai Leopoldo, não pode está dissociado da figura do seu criador. O Senhor Leopoldo conseguiu respeito e credibilidade como Babalorixá, transpondo outros espaços que não fossem o entorno do seu terreiro, como citamos anteriormente, não só os espaços influenciados religiosamente, mas aqueles que o Candomblé lhe permitiu alcançar para além da figura de Babalorixá, a exemplo do fato de se eleger vereador por quatro vezes no município de Governador Mangabeira.

## **A FIGURA DO SENHOR LEOPOLDO**

Leopoldo Silvério da Rocha nasceu em 14 de abril de 1944, na antiga Vila das Cabeças, hoje município de Governador Mangabeira, foi pai de nove filhos, fruto de três casamentos. Ainda criança ganhou gosto pelo Candomblé, pois era freqüentador da casa de Pai Nezinho, amigo da sua família. Em 1963 fundou o seu Terreiro (Yiê Oyó Mecê Alaketu Axé Ogum), fazendo uma homenagem ao seu Orixá preferido – Ogum. Leopoldo era uma pessoa calma, conversava pouco, mas conseguiu construir muitas amizades, bem como, alcançou forte prestígio no cenário do Candomblé do Recôncavo. Faleceu em 2006, em um trágico acidente de carro na BR 101, depois de ter participado de uma festa em um terreiro na cidade de Feira de Santana.

O fato de exercer as funções de Babalorixá, bem como, suas relações sócias com os moradores do bairro do Portão, o levou a ser eleito vereador por quatro vezes consecutivas, exercendo esse cargo de 1983 a 2000. No período de 1993 a 1995, exerceu a função de

presidente da Câmara de Vereadores do município de Governador Mangabeira. Como político possuiu uma posição partidária de centro-direita, sendo eleito a primeira vez pela ARENA e depois pelo PFL, mas tramitava com facilidade pelos diversos grupos políticos do município. Quando eleito presidente da Câmara de Vereadores, fez o seguinte pronunciamento: “O vereador Leopoldo Silvério da Rocha, agradeceu aos colegas em depositar confiança no seu nome e prometeu cumprir a lei e trabalhar junto a todos para desenvolver um bom trabalho”. (ATA DA CÂMARA DE VEREADORES, 1993, p. 101).

Mesmo que o prestígio como Babalorixá tenha contribuído para ingressar na política, não notamos nos livros de ata da Câmara, pronunciamentos específicos de Leopoldo se referindo ao Candomblé. Segundo algumas pessoas que exerceram a função de vereador no mesmo período, ele fazia uma separação bem significativa entre o ser político e o suas funções ligadas ao Candomblé. Vejamos abaixo algumas das respostas dessas pessoas, quando questionadas se o senhor Leopoldo separava a função de político com as práticas de Pai de Santo (Babalorixá).

*Separava de maneira elegante, separava e sabia separar, você vendo Leopoldo na Câmara, você jamais imaginava que era um Pai de Santo, mas também não se furtava, não tinha vergonha de dizer que era um Pai de Santo, ele não tinha vergonha de dizer assim: amanhã não vou poder ir a sessão, por que vai ter essa e essa atividade na minha casa de Candomblé. (SILVA, Pedro Antonio Borges da, 2011)*

*Não, às vezes ele não demonstrava que desempenhava esse papel dentro da sua comunidade, ele se apresentava sempre com uma posição totalmente alheia a essa sua missão de passar para seus adeptos a sua cultura, era uma pessoa normal, onde ele chegava, ninguém percebia que ele tinha esse outro lado da sua vida - o Candomblé. Ele não tentava misturar as coisas, ele não exigia que as pessoas fossem da sua religião. (SANTANA, José Souza de, 2011)*

*Não, ele nunca misturou a coisa do candomblé com a política não, muito ao contrário, ele fazia só a parte política, agora, claro era um nome respeitado, agente respeitava essa cultura, por que a cultura tem que ser respeitada. Candomblé é uma coisa antiga, de tradição e tem que ser respeitada e senhor Leopoldo era respeitado e continua sendo. (PAIXÃO, Domingas Souza da, 2011)*

Mesmo assim, notamos em alguns dos discursos do vereador Leopoldo, referências a Senhor do Bonfim, que no “sincretismo” é Oxalá: “encerrou suas palavras pedindo a Deus e ao glorioso Senhor do Bonfim, que derrame muita paz nesta casa durante este período”. (ATA DA CÂMARA DE VEREADORES, 1993, p. 116).

Quanto a sua relação com o povo do seu bairro (Portão), costumava exercer certa liderança e um convívio que se aproximava do paternalismo a condição de chefe de um terreiro de Candomblé. As pessoas recorriam constantemente a ele, às vezes para resolver

problemas espirituais, ou para conseguir uma ajuda financeira e até para encontrar alternativas acerca de problemas familiares. Segundo os entrevistados, ele nunca dizia não as pessoas, costumava ajudar a todos, se preciso fosse doava até alimentos, bem como, chegava a realizar trabalhos espirituais de forma gratuita. Acerca dessa relação de Leopoldo como o povo, Neci, uma das suas Filhas de Santo (Iaô), descreveu:

*A pessoa o enxergava como alguém da família, pois tudo que acontecia na casa ia contar a ele. Era ele para aconselhar, ele nunca queria discórdia. Ele não aceitava a mentira, sempre queria a verdade. O senhor Leopoldo quando as pessoas pediam alguma coisa emprestada o mesmo sempre dava, ele tirava o dinheiro e emprestava ou dava e nunca dizia que não. Não tinha horário para bater na porta 1, 2 ou 3 horas da manhã, ele atendia. Seu Leopoldo: meu filho está doente, ele nunca dizia não, atendia o pedido da pessoa. Acredito que ele fazia isso devido a origem do candomblé, pois no ketu a pessoa tem que fazer o bem para seu irmão, se fizer mal alguém esta fazendo a ele mesmo. (LEITE, Neci Santos, 2010)*

Evidente, que as características culturais inerentes ao Candomblé, possibilitaram a Leopoldo a condição de uma liderança carismática, construída a partir de símbolos e representações, carisma desenvolvidos pelos atos de Babalorixá, que seguem todo um processo hierarquizado e complexo, as regras não são impostas, mas gestadas a partir de uma elaboração histórica, a liderança é quem faz a ponte entre os Orixás e os participantes.

*O candomblé é uma comunidade com uma estrutura hierarquizada, que tem a liderança da mãe de santo ou “pai de santo” como mediadora ou “mediador” entre os Orixás e os participantes, seguida pelos ancestrais e pelas pessoas mais velhas de Santo. Essa liderança carismática é eleita pelos Orixás, aos quais os membros da comunidade devem obediência total, quando da busca de um sentido para suas existências que se traduz nos seus cotidianos. (JOAQUIM, 2001: p. 40)*

Para além da possibilidade do carisma nessas relações sociais praticadas por Pai Leopoldo, não podemos deixar de mencionar que essa proximidade entre as pessoas era uma prática comum entre as nações africanas, ou seja, os laços de afetividade e coletividade permitiam que uma pessoa ajudasse a outra no âmbito do espaço construído historicamente, características que foram transportadas para o Brasil durante a escravidão e resignificadas no espaço do Candomblé, podendo ser entendidas como identidades milenares no contexto da história do continente africano, e que chegaram até o Brasil com os negros escravizados, um exemplo disso, era a importância do uso da verdade entre as pessoas de uma determinada comunidade, bem como, na transmissão de algum saber, aspecto que é citado pela senhora Neci ao se referir ao senhor Leopoldo. Essa valorização da autenticidade foi descrita assim pelo historiador africano A. Hampaté Bâ:

*De modo geral, a tradição africana abominava a mentira. Dizia-se: “Cuida-te para não te separares de ti mesmo. É melhor que o mundo fique separado de ti do que tu separado de ti mesmo” (...). A proibição da mentira deve-se ao fato de que se um oficiante mentisse, estaria corrompendo os atos rituais. Não mais preencheria o conjunto das condições rituais necessárias a realização do sagrado, sendo a principal estar ele próprio em harmonia antes de manipular as forças da vida. (HAMPATÉ BÂ, 1980: p. 189)*

Evidentemente, que essa tradição africana tem seu significado cultural e histórico, alicerçada em concepções simbólicas e representativas, aspecto que senhor Leopoldo com muita habilidade conseguiu inserir no seu cotidiano, contribuindo assim para a efetivação do que a recente historiográfica denomina de poder simbólico, simbolismo esse elaborado com sustentação nas diversas características dos ritos do candomblé, que por sua vez foram ampliadas para as relações sociais. O poder concebido nas suas múltiplas significações e representações, um poder simbólico como menciona George Balandier:

*O imaginário ilumina, pois o fenômeno político; sem dúvida de dentro, pois que dele é uma parte constituinte. Todo sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir efeitos entre os quais os que se comparam às ilusões criadas pelas ilusões do teatro. (...) Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. (BALANDIER, 1980: p. 7)*

Na verdade a figura do senhor Leopoldo confunde-se como a construção do seu terreiro de Candomblé. Pessoa que manteve viva no seu espaço sagrado as tradições dos rituais afrobrasileiros, evidenciando o valor histórico do Candomblé em nossa sociedade. Valor atribuído pelas múltiplas identidades e representações presentes, tanto na vida de Pai Leopoldo, como na história do seu Terreiro, relações que o tornou um dos mais respeitados Babalorixá do Brasil, função que ele assumia com respeito e dignidade, como salienta um dos nossos entrevistados.

*Leopoldo era uma pessoa que tinha o prazer em viver, tinha alegria pela vida. O mais interessante, era que ele tinha convicção pela sua crença. Leopoldo tinha um prazer em dizer que ele era da crença do Candomblé. As festas de Leopoldo alegravam a todos, ele tinha o prazer de receber a todos, ele se trajava a rigor na sua crença como Pai de Santo, fazia suas festas, fazia suas danças. Ele recebia pessoas de várias partes da Bahia, do Brasil e do mundo que confiavam no trabalho dele (...). É bom lembrar que Leopoldo morreu no exercício de sua função (SILVA, Pedro Antonio Borges da, 2011)*

Por todos esses argumentos mencionados ao senhor Leopoldo, torna-se fundamental salientar que a sua projeção em outros espaços de relacionamento social e político têm uma construção bastante vinculada ao fato do seu prestígio como Babalorixá, ou seja, o Leopoldo

político surgiu influenciado pela notoriedade que o mesmo alcançou no Candomblé, bem como, a construção do seu reconhecimento social tem suas raízes na respeitabilidade que seu Terreiro conseguiu atingir ao longo de sua existência.

## **O TERREIRO E A CIDADE DE GOVERNADOR MANGABEIRA**

O Terreiro de Pai Leopoldo, surgiu um ano após a emancipação da Vila de Cabeças, então pertencente à cidade de Muritiba, que por motivos políticos e culturais recebeu a denominação de cidade de Governador Mangabeira, em 14 de março de 1962. O nome Cabeças foi construído através do imaginário popular, existindo diversas versões acerca do surgimento do mesmo, sendo uma das argumentações mais aceita e divulgada entre os moradores, aquela produzida pelo memorialista Antonio Pereira da Mota Junior no seu livro Chacina que deu nome a localidade de Governador Mangabeira.

*Era o banditismo em ação! Era a época do bacamarte traiçoeiro! Era a época das chacinas por encomendas! Ai mesmo, ao lado, no leito da via pública, jaziam os corpos decapitados. O trecho, local, não tinha, até então, segundo parece, nenhuma denominação, visto que, o escabroso acontecimento figurara aos olhares assustados dos transeuntes às pontas das estacas dando o nome daqueles cofres de pensamento, ali trancados para eternidade, pelo chumbo quente, como legado, até o dia 14 de março de 1962. (Mota Júnior, 1962: p. 2)*

Em 1881, Cabeça se transformou em distrito da cidade de Cachoeira, já em 1889, o seu território foi incorporado à nova cidade de São Félix. Em 1919, passa a pertencer à cidade Muritiba, que se emancipou de São Félix. Na primeira metade do século XX, a Vila atingiu seu apogeu econômico, muito em função do beneficiamento do tabaco em vários armazéns, condicionando uma posição de destaque nessa atividade comercial no Recôncavo fumageiro, aspecto que influenciou ao Governo do Estado criar uma coletoria de impostos na sede da Vila em 1950.

*O beneficiamento do tabaco transformou Cabeças em um centro urbano de prestígio no Recôncavo Baiano. Em 1950 a população da Vila era de 819 habitantes, residindo em mais de 300 domicílios. Essa população sobrevivia principalmente do trabalho nos armazéns de fumo, com destaque para os da família Fonseca, que empregavam em média mais de 200 pessoas. (BORGES, 2004: p. 62)*

Além do beneficiamento para exportação, o tabaco produzido na Vila, também era utilizado para a fabricação de charutos, artigo que foi considerado como um dos melhores do Brasil, ou até mesmo do mundo, só perdendo para os charutos Cubanos. Lembrando que a mão de obra para a fabricação dos charutos era em sua maioria realizada por mulheres, transformando assim o espaço urbano da Vila em um cenário em que as pessoas se

familiarizaram com as atividades relacionadas ao beneficiamento do tabaco, com destaca a historiadora Elizabete Rodrigues:

*Cabeças formava um grande cenário fabril de charutos, onde as pessoas e os lugares estavam impregnados dos elementos característicos daquela atividade, desde o cheiro ativo do fumo que se espalhava ao vento por toda a Vila, à presença do fumo em "trouxas", em "manocas", espalmados e picotados nas casas e espaços de comercialização, e, os próprios charutos que enfeitavam as janelas das casas, sendo rara a sua ausência, até nas ruas onde lixeiros podiam encontrar restos de fumo e pontas de charutos que eram varridos portas à fora. (RODRIGUES, 2001: p.9)*

Em 1960, se desencadeou uma forte campanha para a emancipação política da Vila de Cabeças, tendo como líderes os senhores Antonio Pereira da Mota Junior, Malaquias Cerqueira Ferreira e Manoel Machado Pedreira, representantes da Vila na Câmara de Vereadores da cidade de Muritiba. Os mesmos lançaram um projeto de emancipação política da Vila, sendo aprovado em sessão extraordinária em 24 de agosto de 1961. Mas para o projeto se tornar realidade necessitava, também de aprovação da Assembléia Legislativa do Estado, fato que aconteceu em 14 de março de 1962, através da lei 1639, sendo autor o Deputado Heraldo Guerra e a relatora a Deputada Ana Oliveira. Através dessa lei, a Vila de Cabeças passou a ser a denominada cidade de Governador Mangabeira.

A substituição do nome de Cabeças para Governador Mangabeira foi muito em função da denominação Cabeças lembrar algo trágico, bem como, o desejo dos líderes políticos locais em dar visibilidade e prestígio a nova cidade, uma vez que o novo nome homenageava o ex-Governador da Bahia Otávio Mangabeira que governou o Estado de 1947 a 1951, pois seu governo foi considerado por muitos um dos melhores, chegando a realizar obras como do aeroporto Dois de Julho, Estádio da Fonte Nova, Escola Parque e outras.

As primeiras eleições para Prefeito e Vereadores da cidade, foram realizadas em 7 de outubro de 1962. Concorreram para o cargo de prefeito o chefe da coletoria local o senhor Agnaldo Viana Pereira (UDN/PTB) e o comerciante Malaquias Ferreira (PSD). Agnaldo Viana foi o vencedor do pleito com mais de 60% dos votos válidos, se consagrando o primeiro prefeito do município.

Em consonância a essa contextualização, surgiu em 1963 o Terreiro de Candomblé de Pai Leopoldo, especificamente em uma área rural da recém-emancipada cidade de Governador Mangabeira, ou seja, Portão, área que a partir da metade década de 1970 se transformou em um bairro, muito em função da construção de alojamentos para os operários que se deslocaram de várias partes do Brasil para a construção da barragem de Pedra do

Cavalo. Hoje o bairro é o maior da cidade, continuando a abrigar uma população na sua maioria de assalariados.

Vale salientar, que o prestígio alcançado pelo Terreiro ao longo de sua história, proporcionou visibilidade à cidade de Governador Mangabeira, uma vez que o citado espaço religioso era bastante frequentado por pessoas da elite socioeconômica do Brasil e até de outros países, levando assim o referencial geográfico e histórico do Terreiro para outros espaços, sem esquecer as constantes entrevistas concedidas a emissoras de televisão pelo Babalorixá Leopoldo, explicando fundamentos do Candomblé, ou mesmo para a produção de documentários acerca de algumas características dos rituais afrobrasileiros, alguns deles já citados anteriormente.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por todos os aspectos mencionados anteriormente, acredito que através dessa produção, estarei contribuindo para uma visibilidade histórica do Terreiro de Candomblé de Pai Leopoldo. Evidentemente que tem muito a se pesquisar acerca do mesmo, mas o fundamental é compreender o valioso significado social e cultural desse espaço religioso no contexto histórico da região do Recôncavo, em especial para o município de Governador Mangabeira, percebendo o quanto a história é dinâmica, enfatizando os símbolos e representações construídos pela população afrobrasileira, sendo o Candomblé um desses símbolos, que resiste aos preconceitos e discriminações, mas que busca manter vivas características da tradição africana no Brasil.

Também, tornar público as ações do senhor Leopoldo, sem querer aproximar seus atos de uma visão histórica positivista, mas compreender o valor do seu trabalho como Babalorixá, alguém que conseguiu notoriedade na sua função de forma simples e respeitando fortes características da origem do Candomblé, tema que na atualidade está sendo bastante pesquisado nas academias de todo o país, em especial nos cursos de história e antropologia, evidenciando o quanto é relevante para o nosso povo as características históricas afrobrasileiras, características que senhor Leopoldo conseguiu manter vivas em seu Terreiro de Candomblé.

Por último, vale salientar que a história do Terreiro de Pai Leopoldo é algo que fascina ao historiador, muito em função das peculiaridades a ele creditadas, sobretudo no tocante ao valor atribuído ao Candomblé, tornando o objeto de estudo algo próximo ao historiador, evidenciando o quanto o conhecimento histórico é plural, bem como, o significado atribuído as fontes, em especial a memória dos entrevistados, uma vez que se reportavam ao senhor

Leopoldo com concepções de mundo plurais, as quais torna o saber histórico mais significativo e prazeroso, cumprindo assim, a máxima que a história pode ser construída a partir dos variados olhares, em especial aqueles que procuram elucidar a maneira de pensar e agir de um determinado povo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cássio Conceição. **A Transformação da Vila de Cabeças em Cidade de Governador Mangabeira (1950 a 1962)**. Artigo apresentado no curso de História da UFRB, Cachoeira, 2010.

AMARAL, Clarissa (org.) **Turismo étnico afro na Bahia**. Salvador, Fundação Pedro Calmon, 2009.

BÂ, Amadou Hamptaté. **A Tradição Viva**. In: Ki-Zerbo, J. (coord.) História Geral da África. I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo, UNESCO; Ática, 1980.

BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Brasília, UNB, 1980.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé na Bahia: rito Nagô**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BRAGA, Julio. Na Gamela do Feitiço. **Repressão e resistência nos candomblés da Bahia**. Salvador, EDUFBA, 1995.

CAETANO, Vilson de Sousa Junior. **Nagô: a nação de ancestrais itinerantes**, Salvador, FIB, 2005.

FIGUEIREDO, Lúcio. **Raízes Africanas**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro, 7ª ed, DP&A, 2002.

JOAQUIM, Maria Sales. **O Papel da Liderança Religiosa Feminina na Construção da Identidade Negra**. São Paulo, EDUC, 2001.

NASCIMENTO. Luiz Cláudio Dias. **“Terra de Macumbeiros”**. **Redes de Sociabilidades Africanas na Formação do Candomblé Jeje-Nagô em Cachoeira e São Felix – Bahia**. Dissertação de Mestrado, Salvador, UFBA, 2007.

REIS, Gabriela Sampaio dos. **Juca Rosa: um pai-de-santo na Corte Imperial**, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2009.

REIS, João José. **Bahia de Todas as Áfricas. A trajetória dos líderes e devotos do candomblé do século XIX**. In: FIGUEIREDO, Lúcio. **Raízes Africanas**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2009.

NICOLAU, Luis Parés. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia**, 2ª ed. Ver. – Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Elizabete. **Fazer Charutos: uma Atividade Feminina**. Dissertação de Mestrado. Salvador, UFBA, 2001.

SANTANA, Charles D' Almeida. **Fartura e Ventura Camponesa. Trabalho Cotidiano e Migrações. Bahia – 1950 / 1980**. São Paulo, Anna Blube, 1998.

SANTOS, Francisco (org.) **África Bahia**. Salvador, 2000.

SANTOS, Denílson Lessa dos. **NEGRA MAGIA. Crenças, preconceitos e conflitos culturais nas encruzilhadas da cura. Santo Antonio de Jesus – Recôncavo Sul – Bahia (1940-1980)**. Anais do IV Congresso de Pesquisadores Negros. Brasil Negro e suas Africanidades: produção e transmissão de conhecimento. Salvador, 2007.

SHARYSE, Amaral Piroupo do. **História do Negro no Brasil**, Salvador, Centro de estudos afro orientais, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrôpole**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Luis Carlos Borges da. **A Vila e o Coronel – Poder Local na Vila de Cabeças-1930-1962**. Monografia de pós-graduação, Santo Antonio de Jesus, UNEB, 2004.

VAINFAS. Ronaldo. **História das Mentalidades e História Cultural**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História – Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

## FONTES ORAIS

LEITE, Neci Santos, Filha de Santo de Pai Leopoldo, entrevista em 15 de outubro de 2010, duração: 50 minutos.

PAIXÃO, Domingas Souza da, vereador por quatro mandatos, sendo alguns deles com senhor Leopoldo, atual prefeita da cidade de Governador Mangabeira, entrevista 01 de outubro de 2011, duração: 15 minutos.

ROCHA, Leomar Silvério da, Babalorixá, filho e sucessor de Pai Leopoldo, entrevista em 11 de outubro de 2010, duração: 55 minutos.

SANTANA, José Souza de, ex prefeito de Governador Mangabeira, foi no mandato do mesmo que Leopoldo exerceu sua primeira legislatura como vereador, entrevista 01 de outubro de 2011, duração: 20 minutos.

SILVA, Pedro Antonio Borges da, ex vereador de Governador Mangabeira, exerceu seu mandato juntamente com senhor Leopoldo, entrevista em 01 de outubro de 2011, duração: 15 minutos.

## FONTES ESCRITAS

Livros de Atas da Câmara de Vereadores de Governador Mangabeira. Números: 11 e 12, 1993 e 1994.